

QUINTA-FEIRA
Lisboa--12 de Julho--1928

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este número foi visado pela Comissão de Censura

112



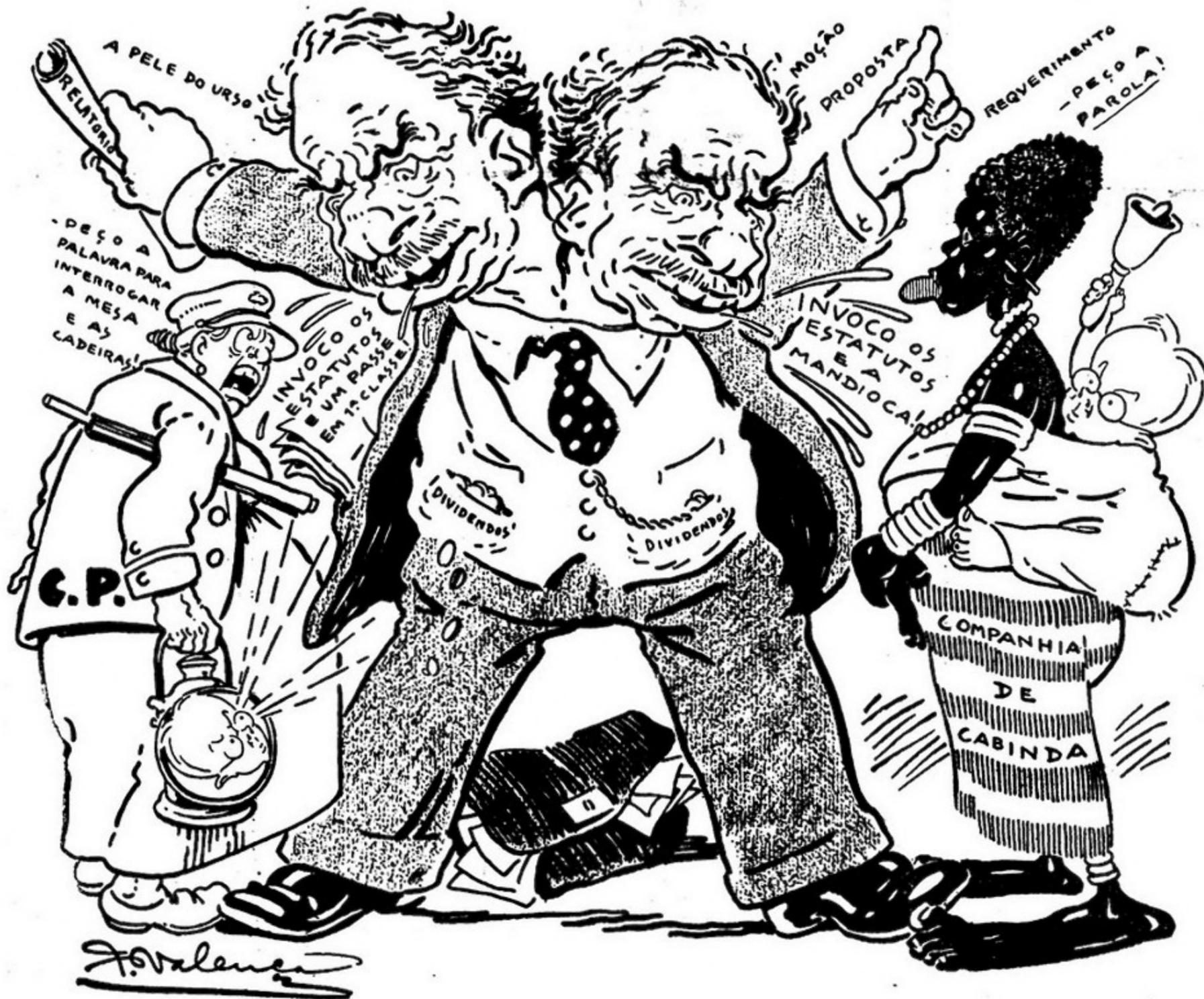
sempre
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Solemnia verb...orreia



Parreira de uva «trincadeira», dá cada dentada nas assembleias gerais, que a C. P. e a Cabinda muito desejariam que lhe desse o mildio. Mas não ha melo, é Parreira que está sempre «enxofrada»!



Os ditos da semana



Exerxus human's O dr. Voronoff, inventor do celebre processo de enxertia de glandulas de macaco em seres humanos, está em maus lençoes.

Em Londres, realisou-se ha dias um comicio de protesto, contra o seu sistema com a assistencia de alguns bispos protestantes, que pelo visto foram teitos exactamente para protestar, e protestam igualmente o dr. Bayle e a duqueza de Hamilton. Ao comicio assistiram 4.000 espectadores, aplaudindo treneticamente os oradores quando eles proclamaram a «transplantação das glandulas de macaco no homem como uma pratica perigosa, indecente e cruel».

Sabidas as virtudes da enxertia, não é necessaria uma grande urgência, para descortinar as razões do protesto dos bispos. Falta apenas saber a idade da Duqueza de Hamilton, porque o dr. Voronoff que nos conste ainda não conseguiu restituir os fogos da m'cidade a mulher alguma.

Quanto ao dr. Bayle, que, se o seu nome o não atraiçoa, baila ainda real e electivamente não precisa que o dr. Voronoff lhe dê corda. Em cançando, talvez comece a reconhecer as virtudes e até a necessidade do novo processo.

O *Sempre Fixe*, porem, apesar de *Sempre Fixe*, coloca-se ao lado do dr. Voronoff, porque ninguem sabe a sorte que o futuro lhe reserva. Para isso, todas as semanas fazemos larga cultura de macacos nas nossas paginas.

Não há ve que A Camara Municipal da Povoia de Varzim enviou-nos um voto de profundo agradecimento pela visita que lhe fizemos ha dias.

Agradecidos estamos nós que trouxemos a Povoia no



— Não é preciso. Eu já vi o rascunho na tua carteira.

coração. Agradecidos estamos nós que não poderemos esquecer jamais aquela chuva de flores que nos dava a ilusão de termos acabado de conquistar a Galia, de vencer a batalha de Waterloo ou de ter ido ao polo, num vaporsinho de Cacicilhas, salvar os naufragos do «Italia».

Venham de lá esses ossos poveiros.

Estamos quitos...

Entre parentesis A Comissão Executiva do Monumento ao Marquez de Pombal, vae protestar contra a projectada construção da entrada monumental do Parque Eduardo VII, com o fundamento de que, nas bases para o concurso do monumento, se mandava contar com um arco de triumpho a construir mais tarde pa-

ra servir de fundo á estatua e de que no actual projecto, ha dois elevados e inesteticos pilones, que produzirão um pessimo efeito para o observador que se encontre no eixo da Avenida.

Bem haja a comissão por ter protestado, mas não ha motivo para que nos indignemos contra a Camara Municipal que aprovou o projecto, porque a Camara não julga possivel que alguém, mais ou menos observador, se possa encontrar no eixo, numa terra onde anda tudo fóra dos eixos. E, segundo a opinião da propria Comissão, para quem estiver fóra do eixo não resulta inestetica a perspectiva.

O *Sempre Fixe* é que, por sua parte, sem pertencer ao Municipio nem á Comissão, quer tambem meter o seu beldelho, aconselhando a Camara a desistir da construção de semelhante entrada, embora

triumfal, ou pelo menos a cortar-lhe os pilones. mesmo porque o leão que o Marquez tem aos pés, não havia de gostar da concorrência.

De mais, para quem estivesse no eixo da Avenida (o *Sempre Fixe* admite a possibilidade de isto entrar tudo nos eixos) havia de ser muito desagradavel ter a impressão de que o Marquez de Pombal estava entre parentesis, como coisa secundaria, ele que é o dono da Praça e tem a vida toda semeada pelos passeios entre as pedrinhas di a calçada.

Abaixo, pois, os pilones. Ali não se admitem outros pilones que não sejam os do Marquez.

Uma expedição científica Uma alemã — a sr.^a Pfeffer — acaba de regressar duma expedição científica entre os liliputianos do Camarão.

O telegrama que no-lo comunica, não diz a que especie de estudos se dedica a sr.^a Pfeffer, mas não será difficil descobri-la. Deve ter ido aprender com liliputianos, que são homens de trazer na agibeira, a arte de domesticar os maridos em ponto grande, os maridos de trazer por casa.

A sr.^a Pfeffer, á cautela, foi estabelecer o seu laboratorio, entre gente de palmo e meio que não lhe pudesse chegar ao nariz, mas, para contrabalançar a pequenez dos seus instrumentos de estudo, escolheu-os entre os camarões, que são um marisco azougado e com qualidades terapeuticas apreciaveis.

Não se dirá que a sr.^a Pfeffer se contentava com pouco.

Resta saber como se portaram os liliputianos. Quem sabe lá quantas pliffias terão dado.

QUADRAS POPULARES



— Quem me dera ser a hera
Pela parede a subir...



— O quê? Então o seu tio morreu outra vez?
— E' verdade. E ainda faltam dois. Minha tia confessou-me tudo.

A natação e a maneira de a aprender

Estamos na época da natação. Nadar é:—manter-se uma pessoa na agua e dirigir-se nela em todos os sentidos.

Enquanto esta faculdade é natural nos peixes, rãs, barcos, rôlhas de cortiça e outros animais—o homem é obrigado a aprender a nadar.

Sob este ponto de vista, o homem divide-se em duas categorias:

- 1.ª—Os que sabem, mergulham e voltam á superfície.
- 2.ª—Os que não sabem, mergulham e só voltam á superfície após alguns dias

Para aprender a nadar, são precisos:

- 1.ª—Um pouco de boa vontade;
- 2.ª—Um calção de banho;
- 3.ª—Uma porção de agua.

Para evitar qualquer acidente e vencer o medo da agua, é prudente aprender os movimentos metódicos sobre um pires ou um prato côvo cheio de agua. Ao fim de alguns dias já se podem fazer os exercicios sobre uma terrina ou um alguidar—que depois serão substituidos por um recipiente mais amplo: banheira, tonel, etc...

Eis alguns conselhos preciosos para uso dos principiantes:

Não devem esquecer-se de se despir antes de entrar na agua.

Esperar muitas horas após uma refeição—a não ser que só se tenha comido peixe.

Fechar hermeticamente a bôca quando se está entre duas aguas, para que não se introduza algum carapau pelo tubo digestivo.

Durante a imersão, não demorar em conversas com as marmotas e outras senhoras de respiração bronquial.

Nos mergulhos, não é bom verificar com a cabeça que a agua não é suficientemente profunda para esse exercicio aero-aquatico.

Em Lisboa não ha piscinas porque, com a falta de agua no verão, resultariam perfeitamente inúteis. E, se algum dia se construir alguma, terá, á porta, a taboleta seguinte:

«Cada nadador é obrigado a trazer em barris a agua de que necessita.»

Carlos Sergio

Sortes grandes T
só o PINA se vende
75 - Rua de S. Paulo - 77



— Outra gravata?
— Sim. As gravatas são como as mulheres. Usam-se dois ou três dias e fica uma pessoa aborrecida.

A RECEITA

Mariasinha do Carmo, eram umas dezoito primaveras ligadas pelos sagrados laços do matrimonio a uns setenta invernos, obesos, calvos, com bens adquiridos durante a guerra, automovel ás ordens e assinatura dos electricos, por não haver opera em S. Carlos.

A Mariasinha ^{era} se contra sua vontade. Os pais ^{eram} simplesmente, em mira que ^{era} o que se chama um optimo ^{casamento}, haviam-na constrangido áquele casamento. Mas ela, com os seus dezoito anos amorosos, sonhava com uns braços vigorosos que a pudessem estreitar e uns labios ardentes que a enchessem de caricias.

Assim, a pobresinha, no seu rico «boudoir» todo seda e ouro, peluche e platina, repleto de todos os confortos modernos, desde o pente de alisar em casca de barata até á agua morna do Alviela par os pés, definiava-se a olhos nunca vistos. O desolado marido tentava a todo o transe impedir o avanço daquela terrível neurastenia, que velozmente vinha devorando as carnihas de sua linda esposa, quasi que a deixando só com a pele e o osso. Comprara-lhe uma coleção do *Sempre Fixe*, em cuja leitura a pobresinha se recreava. Nos dias em que leu e releu o engraçado semanario humoristico, conseguiu adquirir as suas perdidias côres e aumentar quinze quilos duzentas e vinte e três gramas quinhentas e vinte e nove miligramas. Mas, infelizmente, o *Fixe* não sai todos os dias e a pobre senhora só de pensar nisto, abateu trinta quilos quatrocentas e quarenta e sete gramas e cincoenta e oito miligramas.

Alarmado com o estado de sua esposa, o rico do velho novo rico, decidiu-se a chamar o dr. Endireita, abalizado especialista de todas as doenças possíveis e imaginarias.

O doutor velô quando o senhor estava na Companhia das Minas de Salomão—a conhecida fabrica de balchau sueco com importantes jazigos na Noruega—de que ele era director.

A Mariasinha encontrava-se recostada num sofá do seu «boudoir», quando introduziram o dr. Endireita. Era este um manebó de pouco mais de vinte e cinco anos, simpatico, espadado e be mfalante. Inclinou-se numa reverencia deante da formosa senhora. Pediu-lhe para deitar a lingua de fora, apalpou-lhe o pulso, deu-lhe umas pancadinhas no

peito e costas. Mariasinha do Carmo, soltou um leve gemido.

— Doeulhe, minha senhora?

— Não, não. E' que me fez cocegas, doutor! respondeu a ingenua pequena, ruborizando-se um pouco. E depois de uns breves momentos de silencio:— Afinal, o que me encontra doutor?

— Felizmente, minha senhora, os seus pulmões respiram bem, a lingua está limpa, o pulso bate normalmente...

— Mas doutor, sinto-me tão triste, tendo palpitações, sonhos terríveis, ando sempre com um descejo enorme de chorar, gritar, morder...

O dr. Endireita olhou demoradamente a sua cliente e afastou um pouco a cadeira.

— Diga-me uma coisa, minha senhora. O marido de V. Ex.ª tem gozado sempre de boa saude?

— Segundo ele diz, apesar dos seus setenta, nunca teve mais do que be-xigas doidas em pequeno e uma leve inflamação renal aos vinte anos.

— Ah! o esposo de V. Ex.ª tem setenta anos? Pois por aí é que deveria ter começado as suas queixas. Compreendo agora o seu mal. Vou-me explicar por meias palavras... Supunhamos que V. Ex.ª é uma mimosa rosa—não supunhamos, porque é um facto—e que se encontra sob os raios ardentes do sol duma primavera quente—a sua pouca idade minha senhora. Essa rosa tem necessidade de umas miserias gotas de agua fresca para adquirir o seu viço—caso que o marido de V. Ex.ª não poderá satisfazer. Se V. Ex.ª fôsse livre, encarregar-me-lia da sua cura, assim só lhe posso aconselhar que aguarde com calma a sua viuvez. Minha senhora, entretanto, fênte distrair-se e receba as minhas homenagens, já que nada lhe posso fazer.

O dr. Endireita, estreitou a estillizada ^{de} Mariasinha de Maria do Carmo e, num ar consternado, dirigiu-se para a porta. Já ia a pôr a mão no puxador, quando ouviu uma meiga voz que se lhe dirigiu nos seguintes termos:

— Doutor! Então se é esse o remedió, porque se vai embora?...

Não sabemos se o doutor ficou ou se saiu, mas o que podemos garantir é que o septuagenario marido de Mariasinha, começou desde então a pagar as facturas do medico de sua mulher.

F. G. Costa.

A FALTA DE AGUA

Resposta á reclamação do sr. A. Lourenço

Foi tão grande a sensação que causou o seu artigo, que não resisto á tentação de dar uma explicação ao meu simpatico amigo.

Não julgue que a verdade Alcantara ser o inverno. Pois ha sitios na cidade onde é uma raridade aparecer agua d'inverno.

Tome nota que a torneira só pinga quando ela quer; Tudo o que diz é asneira, E a ter agua quinta-feira, só se você lh'a puzer.

Não queira o amigo fazer dum contador um repucho, Pois se paga um aluguer E' porque em casa quer ter Um objecto de luxo.

Não insulte a Companhia, Que é mesmo muito laroca. Se quer agua todo o dia, Sem nenhuma porcaria, Vá bebê-la ahí á doca...

Se torna com essa intriga A Companhia insultar, Qualquer dia ela o castiga, Pondo-lhe agua na barriga P'ra eu ir p'ra lá nadar...

Dosafer.

A' luz dum candieiro

Foi numa bela noite, chuvosa, da Primavera deste ano, que eu vi á janella, numa rua concorrida, uma menina loira, simpatica e de olhar meigo.

A pequena conversava com um elegante rapaz de calças claras, que tomava gargarejos.

Durante alguns minutos conversaram animadamente, até que se calaram e olharam-se meigamente.

Era um rez do chão baixinho, e a luz amortecida dum esplendido candieiro de gaz, situado em frente da janella, permitia vêr, perfeitamente, os seus olhos brilhantes como os dos gatos e a elegancia do namorado.

Um velho assunto deu lugar a um novo dialogo, que terminou com um demorado aperto de mão.

Nesta altura, não entrou a policia como de costume, mas sim um grupo de rapazes que repararam na demora do aperto de mão e disseram:

«Avança Tamaqueiro.»
«Anda agora Vitor Silva.»
«Lá está ele a meter mão. Isso não é do jogo.»

O namorado percebeu o jogo e retirou a mão antes que apparecesse o pai dela, apitando, para marcar alguns pontapés livres.

Viterbo de Campos.

TOURISTES



Instantaneo dos ultimos que estiveram em Lisboa.

JUDEUS



— Lá vai o Samuel. Em que ficou a questão com o Levi?
— Dizem que lhe deu duas bengaladas.
— Deu-lhe? Vendeu-lhe.



O grande operador

O dr. Barbosa era um medico muito conhecido e muito conceituado, que ganhava — segundo diziam — todo o dinheiro que queria, tratando de doenças exóticas de países quentes e fazendo operações. Como operador, porém, tinha o costume de deixar sistematicamente na barriga dos operados ferros, ligaduras, cadeiras de vèrga, chapéus de côco e toda a especie mais ou menos bizarra de objectos de varias formas e procedencias.

Ora, para cumulo, succedeu que, ha dias, o dr. Barbosa operou de apendicite um pobre velho paciente, que no fim da operação, ainda mal libertado da acção do cloroformio, foi novamente transportado do leito, onde jazia, para a *marquise* da sala de operações, porque, após a intervenção cirurgica, ao contarem os ferros, deram pela falta duma pinça.

E o dr. Barbosa, contemplando o doente, com um fio de enternecimento na voz, aconselhou-lhe paciencia, mas foi-lhe dizendo que tinha de lhe abrir outra vez a barriga, porque lá ficara uma pinça.

Tirada a pinça, foi a barriga do operado pela segunda vez cosida, mas, ao contarem os ferros (que ferro!) faltava uma tesoura. De novo a barriga do doente foi aberta, para a subtração da tesoura.

Desta vez, porém, faltava uma luva de borracha. E o dr. Barbosa, aconselhando resignação ao malfadado doente, mais uma vez o mandou para a *marquise*. Nesta altura, o doente, com uma voz fraca e resignada, meio desmaiado, disse:

— O' sr. doutor, o melhor é desta vez não coser o côrte da barriga; é preferivel pôr umas casas e uns botões.



A bruxa — Vejo aqui dois filhos geméos.

O cliente — Mas eu só tenho um filho!

A bruxa — Isso não quiere dizer nada. Para alguma coisa hei-de eu ter dois filhos.



O' mamã, como é que as galinhas sabem o tamanho do meu ovelho?

T. S. F.

Um casamento que esteve por um fio

Irene era uma joven que estava prometida a um priminho, muito parecido com o senhor seu tio paterno, o zeloso pai de Irene.

Baixo, atarracado, um nadinha vesgo, coxeando com uma certa elegancia, eis o retrato do ambicioso noivo.

Mas a pequena é que não estava pelos ajustes com o marido que lhe queriam impingir, e daí furar a telmosia paterna, para se dedicar, exclusivamente, ao eleito do seu coração, um novel engenheiro de minas, para quem ela era uma verdadeira mina...

Escusado é, pois, dizer que o pai, logo que entrou a perceber que a pequena não anuia á enxertia nupcial, tratou logo de torpedear as inclinações amorosas de Irene, exercendo uma vigilancia feroz, privando-a de passeios, cerrando as janelas, devassando a correspondencia, etc., em virtude do que o engenheiro arranhou uma maneira engenhosa de comer o pai Simplicio.

Assim, combinou em segredo com Irene o uso, por qualquer meio, de três iniciais, que exprimiriam a sua inquebrantavel constancia; e na altura que Simplicio se julgava triunfante quanto aos amores da filha, começou a aparecer, com frequencia, nos portais, nas portas, na escada, nas janelas, debaixo das portas, etc., o seguinte terceto alfabetico: T. S. F. Duma ocasião, até, em que a sopeira vinha das compras, trazia ela, em guisa de *rabo* carnavalesco, as três letras diabolicas — T. S. F.... um successo!...

Foi então que Simplicio exclamou: — Alerta!... Aqui anda Marconi na costa!... Vamos a isto! — E tratou de barrar a liberdade, pouca, que a filha ainda disfrutava, até que ela

desistisse. Ao mesmo tempo T. S. F. passou a ser para o pobre Simplicio uma obsessão! Via por toda a parte, impertinentes, provocantes, as letras fatais. Para onde quer que olhasse — nas paredes, nos jornais, nos *placards* — sempre, sempre, T. S. F.! Simplicio quasi endoidecia!

Para cumulo digamos que, morando Irene num 4.º andar, Simplicio recebeu um dia uma amavel carta assinada por Tomás Soares Fernandes, inquilino do 1.º, em que este lhe solicitava autorização para colocar no telhado uma antena da T. S. F.

O' diabo, que tal pediste; Simplicio vociferou logo: Cá está o melro! Apanhei-te, Cavaquinho! Queres então espetar a antena no telhado?!... Pois vem para cá, que eu te arranjaréi!...

E se não é uma feliz coincidência ter desfeito o equívoco, o Tomás Soares Fernandes é mais a telefonista tinham visto bruxa com o velho Simplicio.

Mas o que tem de ser tem muita força: Simplicio, vendo-se impotente para contrariar o namoro da filha, e porque as fatidicas letras T. S. F. não deixavam de o perseguir, condescendeu, por fim, no casorio com o misterioso correspondente, contanto que este lhe confessasse francamente o que significavam aquelas três letras, que quasi o iam atirando para o Telhal.

E no dia do pedido da linda mão de Irene, por entre uma atmosfera de sorrisos e flôres, como succede nas novelas de amor, o astuto engenheiro Pedro de Lemos declarava á illustre assistencia, e com uma significativa piscadela de olho á sua futura, a decifração das misteriosas letras: — *Tens-me sempre fize...*

Pig-Meu



Ele: O que vale é que essa moda do chapéu com pentas é só para as mulheres... Imaginem só o que diriam de mim se eu usasse um chapéu desses.

A triste participação

Jeremias foi atropelado por um automovel, mesmo defronte do seu estabelecimento, e quando o retiraram de baixo do vehiculo, verificaram que ele estava morto.

Os empregados da casa, aterrorizados, não sabiam como haviam de participar a sua mulher o triste acontecimento, porque todos eles se esquivavam, por ser dolorosa a incumbencia.

— Vais tu? — Não vou. — Irás tu? Também não vou. — Então vais tu. — Estás mauuco!

Assim dialogaram os empregados superiores até que o marçano, que viu poder dar um passeio, avançou resolutamente e disse: — Vou eu! Demais eu só a vi uma vez...

— Bem, então, vê lá como te arranjás! Não dês a noticia bruscamente, para não ser tão cruel o golpe.

— Está bem, disse o marçano. Estejam descansados que eu hei-de saber desempenhar a minha missão, para vergonha de vocês, que não têm coragem e são mais velhos. Deixem cá o caso por minha conta...

Safu, foi dar uma volta até ao Terreiro do Paço, pensou no caso e, de repente, ao ter uma ideia, apressou o passo, direitinho a casa do patrão. Bateu á porta e veio logo a patroa, em pesoa, abrir-lhe a porta.

— Bom dia, minha senhora. Diga-me se aqui é que mora uma senhora que enviuvou?

— Que enviuvou?! Nada, aqui não mora nenhuma viuva. Sabe o nome dela?

— Sei, chama-se Guilhermina.

— Guilhermina sou eu, mas felizmente não sou viuva.

— Ah! Não? (dise o marçano, com um sorriso malicioso). Quanto queres apostar?... Se apostar perde...

E desceu a escada.



— Quando eu andava na Universidade...

— Oh velhinho, nada de carapetes...

— Sim, homem. Quando eu andava na Universidade a pôr uns vidros.



— Diga-me alguma coisa sobre Orleans.

— Sim, senhor. Orleans tem dez minutos de paragem e bufete.

Elevador da Gloria

Carta aberta, dum galante macaco, duas vezes casado e duas vezes divorciado, que se opõe a ser operado pelo dr. Voronoff:

E' preciso que os portugueses se interessem por este magno problema. Dirijo-me a uma raça viril, que é conhecida em todo o mundo pela sua grandeza colonizadora e reprodutora. A ela cabe, mais do que a nenhuma outra, defender a minha especie seriamente ameaçada nos seus mais sagrados haveres. Os macacos não teem culpa da decadencia dos homens e da abundancia dos Abellards... Em França, sim, entende-se. Ha razões. Mas em Portugal, não. O portuguezinho valente, embora atinja uma idade avançada, nunca perde a occasião de demonstrar que o é. Ama desafortadamente. A prima e a criada. A mulher e todas as mulheres. Em menos de seculo e meio, conseguiu duplicar a população. E' a ele, pois, que me dirijo, certo de que todos os macacos do sexo forte, com a sua assistencia, continuarão usando, integralmente, dos privilegios que a natureza lhes concedeu.

Lavro o meu protesto, e minha mulher tambem. O dr. Voronoff, felizmente para ele, não visitou, no Jardim Zoologico, a minha aldeia. Se o fizesse, não sei o que lhe sucederia. Haviamos de lhe provar que não é do pé para a mão que se mutila um animal inteligente, que só tem dado provas de capacidade. Largas provas. O que seria a Africa e a Polinesia sem nós? Um vasto deserto engraxado de preto!

O macaco integral, convençam-se, é a salvacao da humanidade. O seu futuro. Melhor: o seu futuro pai. Quando todos os homens ingressarem no gremio dos reformados e inactivos — já lá estão tantos! — saber-se ha, então, que Darwin falara verdade. Ainda lhes podemos ser uteis, caso se dê o anunciado desaparecimento da especie humana. A glandula é tudo; o resto é quasi nada.



— Não ha hoje secção de Bolsa no jornal?
— Mas porquê?
— Digo isto porque não te oiço rogar pragas.



— Bons dias. Poderia ver o dono da casa?
— Pshitu. Bataxe a voz. Sou eu.

O brinquedo solido

Minha filha — dizia o Cosme Hilario, a sua mulher — é preciso mandar um presente ao Crisostomo. Estamos no Ano Novo e não devemos esquecer os amigos.

— Dar presentes, para quê? Nós não somos ricos.

— Não somos ricos, mas lembra-te que estivemos em casa deles, no Porto, quinze dias e que ele nos levou ao teatro, enfim, que nos dispensou todas as amabilidades.

— O' filho não foi ele, foi a sogra, o diheiro da sogra é que nos recebeu...

— Seja como fôr, tem que se lhe mandar um presente. Talvez um pequeno objecto de ouro para a mulher dele.

— O' homem! Tu tens a mania das grandezas! Olha, se te parece, escolhe antes um colar de perolas...

— Então uma cigarreira de prata para ele.

— Tu sabes lá se ele fuma.

— Fuma, fuma... Fuma charuto.

— Então se fuma charuto, para quê lhe serve uma cigarreira.

— E' verdade!... Mas espera... O Crisovão tem um filho.

— Olha a descoberta! Isso não é novidade nenhuma.

— E quando se faz um presente a um filho são, justamente, os pais que ficam agradecidos.

— Então tu queres dar um presente a esse garotão, que é bruto como as casas e que parte todos os brinquedos?

— E que tens tu com que parta ou deixe de partir os brinquedos?

— Talvez tenhas razão. Vai lá comprar um boneco para o rapaz, mas compra um que seja solido.

— Então que compraste tu para o filho do Crisovão?

— Uma bola de foot-ball.

— Boa ideia! E já lhe mandaste?

— A estas horas já vai a caminho do Porto. O rapaz deve ficar radiante.

— E os pais tambem.

— Olha: Uma carta do Crisovão.

Se calhar é a agradecer o presente.

— Lê-a lá.

«Meus queridos amigos:

Eu e minha mulher, agradecemos-te, do coração, a lembrança que mandaram para o nosso filho, que... (Vês como o rapaz ficou contente?) que, como está de chuva, todos os dias tem brincado com ela dentro de casa...

Acitem um abraço e boas festas do vosso amigo

Crisovão.

Post scriptum — A minha sogra pede-me para leres o bilheteinho junto.

— Até a sogra agradece, vês?...

O senhor Crisovão, deve

Dois candieiros de cristal	400\$00
Uma terrina e os vidros do guarda-louça.....	150\$00
Virdos, chavenas e pratos	120\$00
Farmacia para o nariz da criada.....	5\$00
	675\$00

— Objectos partidos pela bola que o sr. Cosme mandou para o meu neto, cuja importancia eu peço que me remeta o mais depressa possivel De V. Ex.ª,

Josefa Barbosa.
(imit.)

Os cabeças no ar



— Agora, sem chapéus não dirão que as nossas cabeças só servem para cabides...

BOM HUMOR

Fifi, de quatro anos, está a ajudar a criada a lavar a louça. Acabada a tarefa, corre direita á mãe e diz-lhe: — Olha, mamã, sabes?... Limpel cinco pratos e só parti um!

Calino chega á igreja, todo vestido de preto e com uma coroa funebre na mão.

Nisto olha para o cortejo e vê todos de «toilettes» flamantes...

— Oh! Co'os diabos! Enganem-me!... Era um casamento que eu hoje tinha!...

Uma visita, ao vêr o filho da dona da casa, diz-lhe:

— Com que então, o menino já tem seis anos?

— Tenho, tenho... E a mamã diz que se eu comer a sopa toda, para o ano tenho sete.

A pequena Guida, de seis anos, foi a um casamento de alta sociedade. A rica cerimonia sensibilizou-a tanto, que, á mesa, disse para a mamã:

— Ai! Eu gostava, tambem, tanto de me casar!

— Sério?

— E havia de ser com um prior.

— Para quê, minha filha?

— Para ter meninos de côro...

A patroa, para a criada nova: — Com que então, você diz que esteve em casa duma viscondessa? — Estive, sim, minha senhora, e, se duvida, eu posso mostrar-lhe as minhas camisas... Têm todas uma corôa...

Calino perdeu a mulher e quer acompanhá-la até ao cemiterio.

No mesmo dia do enterro um amigo que o foi visitar para lhe dar os pezames e consolá-lo, disse-lhe:

— Bem. Agora o que precisas é de distracção. Nesse teu estado, um bocado de exercicio não será mau.

— Isso é verdade, respondeu Calino, o passeio que eu dei esta manhã ao cemiterio, fez-me tanto bem...

Um turista encontra numa estrada uma velha:

— O' avosinha, diga-me onde é o caminho do Cartaxo?

— Não sei, meu senhor.

— Mas a quantos quilometros estamos nós do Cartaxo, pouco mais ou menos?

— Não sei, meu senhor.

— E em que direcção é o Cartaxo?

— Não sei, meu senhor.

— Olhe lá, diz-lhe o viajante já impaciente, você parece que é estúpida!...

— Seres estúpida, mas, com esta idade, ainda não me perdi na estrada.



O chapeleiro — Com o tempo que tem feito, não ha maneira de vender um palhinhas. E vá lá que neste officio «conforma-se» tudo facilmente.



O atropelado — Não tem de quê, cavalheiro. O senhor até me fez um grande favor. Sabe lá quanto eu vou agora ganhar, fazendo de homem-serpente.

O almoço do saioio

Antonio Salamanca, provinciano, pertencia á qualidade dos homens estúpidos. Certo dia, veio de abalada até Lisboa, cidade que nunca vira. Ao desembarcar ficou tão maravilhado, que foi preciso algum tempo para coordenar as ideias; parou por momentos na grande e movimentada «gare» do Rossio, o seu olhar vagueou por momentos, aparvalhado pela vastosa sala, ao mesmo tempo que «mancava» o serviço—ou ele não fôsse Salamanca, para todo o serviço.

Atravessou o Rossio, sem que primeiro tivesse deixado de apanhar uma cacetada do elegante sinaleiro, dêsse que abundam pela baixa, por ter pretendido passar antes de tempo. Pouco tempo depois, não obstante as maravilhas que se lhe ofereciam á vista, sentia, não fome mas, sim... vontade de comer, e como homem acostumado a satisfazer as exigências estomacais, dirigiu a palavra a um transeunte, pedindo que lhe indicasse onde almoçar bem e, principalmente, barato. Indicou-lhe as Cozinhas Economicas, a do Terreiro do Trigo, e explicou-lhe: vai por aquela rua — e indicava a Rua Augusta — chega ao fim, onde ha um arco, corta á esquerda e segue sempre a direito.

Seguiu o homem o caminho indicado, admirando todas as maravilhas que se lhe ofereciam á vista e ao chegar ao Terreiro do Paço chamou-lhe a atenção um veleiro que passava junto ao cais, nas serenas aguas do Tejo.

Estaria a estas horas ainda a ver veleiros se o seu estomago o não acusasse de malvado. A passos largos retrocedeu, mas em vez de seguir pelo caminho que lhe tinham indicado, meteu pela Rua Augusta em direcção ao Rossio. Atravessou a praça e lançou um suspiro de alívio ao encontrar-se em frente do Teatro Nacional, o qual tomou pela cozinha economica. Com passos firmes e decididos, dirigiu-se á bilheteira e perguntou, em estilo Montemór:

— Oh! Tiosinho, diga-me lá o que ha hoje?

— Camarotes, frizas, fauteiles, cadeiras e gerais — respondeu o empregado.

— Olhe, tiosinho, traga-me lá um fauteuil, um quarto de pão e meia litrada!...

Frederico Rodrigues.



As pilulas são para os nervos — os pós para o figado.
O doente — Ah! Então os medicamentos sabem onde têm de ir parar?

AMORES TRAGICOS

Doas victimas... e nada

O *Sempre Fixe* prima em dar, de quando em quando, aquilo a que em «gíria» das gazetas, se chama um «furo» ou uma «caixinha».

Assim, dá hoje em primeira mão, um «precioso» capítulo do romance de aventuras dum dos concorrentes ao concurso literario aberto pelo conhecido livreiro-editor Antonio Maria Pereira. O nome do autor? Não o podemos divulgar. Por enquanto, basta que digamos aos nossos leitores que se trata dum habilissimo reporter do maior jornal de Portugal e *Colonias*, antigo apoderado dum dos governadores civis da *saudosa ditadura* do sr. Antonio Maria da Silva, etc. E, para não aguçarmos mais a curiosidade do leitor, vamos á transcrição da *bela* prosa escrita em letra *redonda*, como belo e redondo é o seu joven autor. Esse capítulo, sob o titulo «Amores Tragicos».

«Noite de invernã. Batiam as três da madrugada na torre de uma igreja proxima do local onde me encontrava. O vento sibilava e a chuva caia em torrentes. Havia trovoadas, muita trovoadas. Relampagos, fuzilando a espaços, faziam a curiosidade dos noctívagos. Eu estava num dos bairros excéntricos da capital e vendo que a chuva não abrandava, tendo-me encharcado já, procurei um abrigo. Não foi facil a empreza, porque me fartei de percorrer ruas e ruas sem que encontrasse uma unica meia porta aberta. Já praguejava contra uma tal circunstancia, quando encontrei uma escada franqueada. Aproveitei-a e puz-me a olhar ao alto, esperando pavorosamente que a tempestade amalnasse, enquanto pensava nas noites como aquela eram, talvez, propicias a grandes aventuras.

Ouvi um grito agudo, num rapice. Era, certamente, o arranco dum peito angustiado de mulher. Decidi procurar saber o que o motivara. Rapidamente atravessei a rua e deparou-se-me esta scena: dois braços possantes agarravam um corpo debil de mulher (genero Ester Leão) que assomava a uma janela, e retirando-o para dentro e fechando as vidraças de vidro, 36 contei eu. Num pulo, batendo o «record» estabelecido pelo Paula Bastos, galguei a escada correspondente e puz-me á escuta. Por maior atenção que empregasse não conseguí, porém, ouvir mais nada. O silencio era profundo. Mas quando já me retirava, desapontado, percebi-me perceber qualquer ruido, como o de alguém que descesse a escada com certa precaução. Afastei-me, pois o seguro morreu de velho, afim de não despertar a meu respeito curiosidade de quem saia, efectivamente, da escada, que era de caracol. Tratava-se de um homem alto, de forte arcaboço, tipo Esculapio, embuçado numa capa de borracha, com o chapéu puxado para os olhos. Pelo ar de embaraço que o envolvia, denunciava que alguma coisa de grave com ele se havia passado. Logo que

o desconhecido se perdeu na escuridão da Noite, eu, sem hesitar nem um só momento, o perigo do homem já havia desaparecido, voltei ao primitivo posto de observação. Prontamente puchei da minha lanterna, companheira que nunca abandono, afim de ver, por indução, apurar qual a porta de onde teria saído aquele individuo de figura tão suspeita. Quando cheguei ao cimo da escada vi uma das portas entreabertas, deixando sair uma rasteia de luz de petroleo. Ainda com a precaução que a conjuntura exigia, impeli a porta, entrando cautelosamente na casa — cautelosamente, repito, para não sofrer qualquer surpresa desagradavel, por exemplo, o meu nariz de atilado reporter esborrachado. Encontrei-me num pequeno escritorio, razoavelmente confortavel e ouvi que do fundo de um corredor vinha um leve gemido, que profundamente me impressionou. Volvidos uns segundos, ainda não refeito do susto, percebi outro gemido, agora mais forte e prolongado. Mas, decidi-me a ir ao encontro de quem gemia, pois a occasião faz o valentão, e entrei num quarto onde estava, caída no meio do chão, uma mulher bastante bonita, com os vestidos em desalinho e jorrando sangue do peito branco e altivo. Tomei-lhe a cabeça nas duas mãos e fiz-lhe beber um pouco de agua. A mulher pareceu reanimar-se, abrindo logo os olhos e procurando fixar os meus, enquanto proferia palavras sem nexo. Depois de uma brevissima pausa, articulou, a custo, mas em palavras mais claras:

— Ah! Ricardo, meu grande amor, que me mataste.

A cabeça pendeu-lhe para o peito e a desconhecida soltou o ultimo suspiro. Agarrei-a cautelosamente em peso, colocando-a em cima dum sofá. Depois, tontado novamente e inteiramente do pavor da horripilante scena, fugi para a rua, completamente desorientado, percorrendo ruas e ruas, sem destino, sem saber o que fazia, até que voltando, sem querer, áquela em que se me deparara o lance da morte, esbarrei com o homem da capa de borracha, a quem facilmente reconheci. Então, agarrei-o, gritando:

— Para traz, miseravel. O teu crime é daqueles que não merece perdão. Mataste a innocencia. (Eu desconhecia o nome da morta, de peito branco e altivo).

O desconhecido nenhum esforço empregou para se livrar dos meus braços, profundamente abatido, nem uma palavra soltara. Mas, lentamente, meteu no bolso a mão que estava livre e, sem que pudesse evita-lhe o gesto, puchou duma pistola, desfechando-a, não na minha cabeça, mas na dele, caíndo morto a meus pés errantes.

Eram duas victimas de um caso misterioso, talvez de ciúme, talvez de renuncia, talvez de perdição.»

Copiou do original

Rio Quim.

“CORNER”



O que é e para que serve um automovel

O automovel não é, como muita gente imagina, um carro sem cavalos. Os cavalos não aparecem, mas existem. Estão numa pequena cavaliçã chamada *capot*, ao abrigo das *intem peries*.

Ha mesmo, sob este ponto de vista, uma estranha diferença entre os creadores hipicos e os construtores de automoveis. Enquanto os creadores declaram, com uma vaidade mentirosa, que tem oitenta e três cavalos quando só possuem vinte e sete — os construtores anunciam correntemente 10 nin automovel que come por 20...

Como os cavalos dos automoveis são invisiveis, chamam-se cavalos-vapor.

O seu alimento favorito é a gazolina. Esta bebida vem em latas fechadas e é filtrada. Mas, apesar destas precauções medicas, os cavalos dos automoveis são ás vezes atingidos por uma doença chamada *panne*, mais contagiosa do que o mórmo e que os paraliza por tempo indeterminado.

Quando se compra um automovel é inutil perguntar se os cavalos são anglo-arabes ou de Alter — porque os vendedores ignoram-lhes a origem e não dão *pedigree*. As coudelarias estão disfarçadas em fabricas e os pica-deiros chamam-se pistas de ensaio.

Até ha pouco tempo, o automovel servia essencialmente para rolar nas estradas, soltando, com intervalos diferentes, o grito do porco que agoniza...

Actualmente, serve os interesses nacionais, mantendo parte da utilissima corporação da policia em bom estado fisico e moral.

O estado fisico é mantido pela gímnastica sinaleira.

A inteligencia e a perspicacia desenvolvem-se no serviço de multas. Com efeito, qualquer policia do transito é hoje capaz de cronometrar a velocidade exacta de todos os automoveis com uma *cebóla* do tempo de D. João V.

C. S.



O empresario — Você tem não sel que me recorda a Paolova.
A bailarina — Não será o ordenado?



— E' aqui que pedem uma jovem dactilografã, com boa apresentação?
— Sim, senhora, mas necessitamos de ver a jovem.



O que se diz e o que se não deve dizer

Tem-se discutido muito o facto dos rapazes do Sporting utilizarem a primeira classe dum transatlantico para a viagem ao Brasil. Diz-se que foi luxo demasiado...

Muito se discutiria tambem, se fôsem em segunda. Dir-se-ia, neste caso: — que parecia mal.

E' uma segunda edição da fábula: — O velho, o rapaz e o burro.

Os maiores argumentos contra a deslocação, em primeira classe, fiam-se nas exigencias de toilette.

De manhã: um fato leve. Para o almoço: um outro. Para a tarde: outro ainda. Para o jantar: smoking. E, se á noite se organizou uma festa: casaca. Etc., etc., etc....

Ora a verdade é que grande parte dos jogadores está habituada, em terra, ao trabalho. E, na inatividade de bordo, as operações sucessivas de vestir e despir, constituirão de certo modo um divertimento.

De resto, eles não vão ao Brasil senão para se despir...

Os boatos de extinção do Casa Pia levaram Raul Vieira a escrever ao Sport de Lisboa uma carta que é um monumento...

Pode marcar duas á preta... ou aos ex-pretos...

O Comité Olimpico Português fiado agora — não sabemos porquê... — no silencio da Imprensa, resolveu aumentar o coeficiente das gaffes quadrienais.

Em especial, as razões justificati-

vas da inscrição de Heredia no Pentatlo, têm bem vincado aquele cunho de bonomia inconsciente que tem sido uma das características capitais do Comité.

Assim, foi-nos dado lêr, na quinta-

feira passada, que Heredia havia já feito os mínimos em tiro e em natação, faltando realizá-los em hipismo, steeple e... esgrima!

O Sempre Fize roga ao Comité Olimpico o obsequio dum convite para assistir á realização dos mínimos em esgrima.

Com a ida do dr. Voronoff a bordo do Alcantara, aumentaram as esperanças na equipe do Sporting.

Talvez que pelo caminho, o sabão se resolva a enxertar umas glandulas nos rapazes...

Pelo menos: — habitua-os aos enxertos...

Tivemos, no domingo, desportos aereos, na Amadora.

Não pode, porém, dizer-se que o Certamen se tenha aproximado dos meetings que quasi semanalmente se realizam no estrangeiro...

O publico acorreu, em entusiastica expectativa...

Mas, á saída, dizia um espectador das cadeiras:

— Cá vamos na expectativa...

Uótar-Pólu



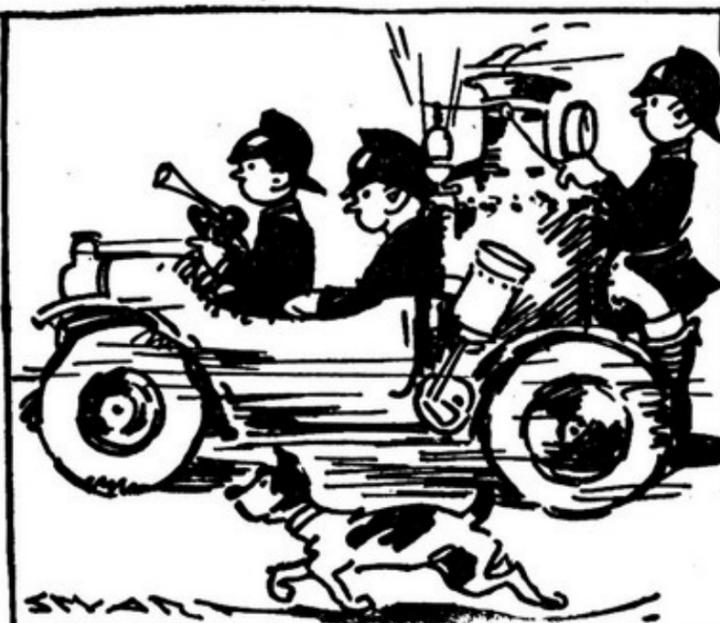
A bolinha está a banhos.

Rebola-A-Bola.

FRUTA DO TEMPO



Fogo ! ! ! ! !



Tim, tim, tim



AAAh ! ! ! ! !

ECOS DA SEMANA

OS Nossos Atletas, antes de partir para Amsterdão, vão buscar pernas ao talho !...

A cena de fazer malas para ir veranear é uma coisa sabida da imenso que falar



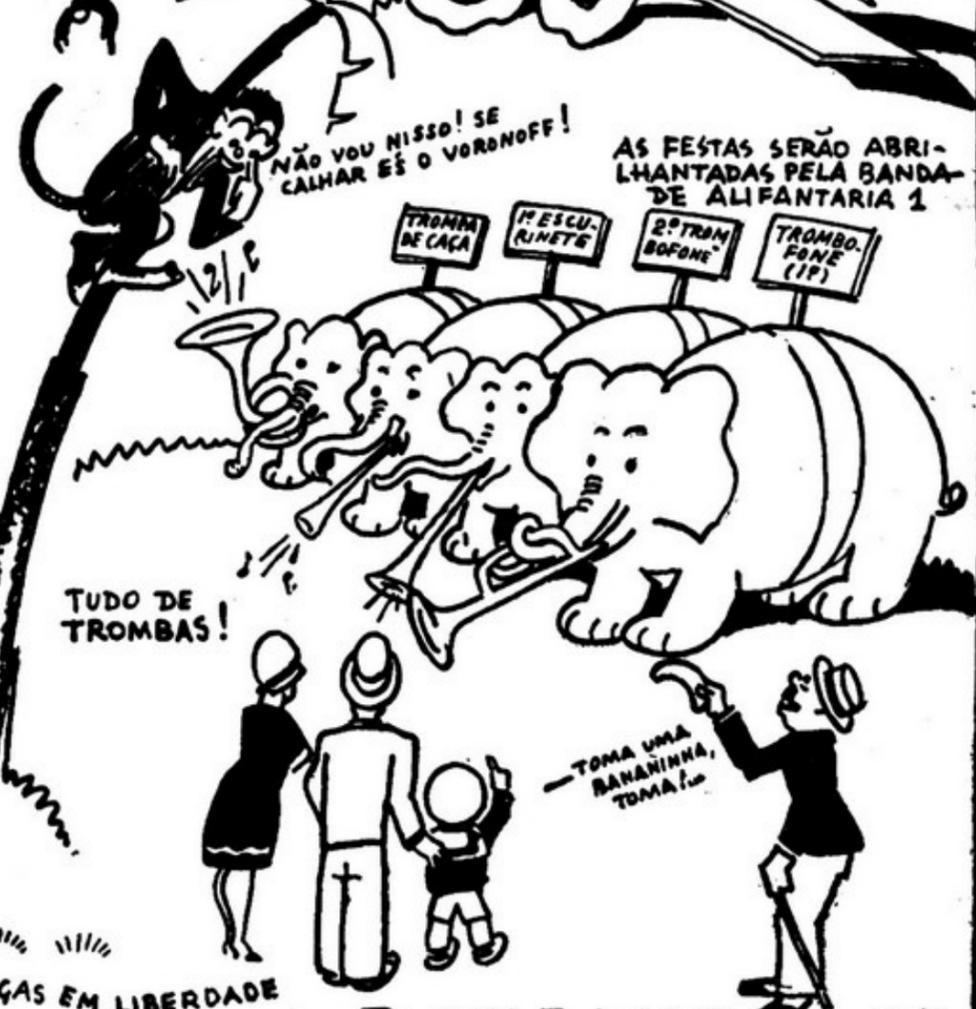
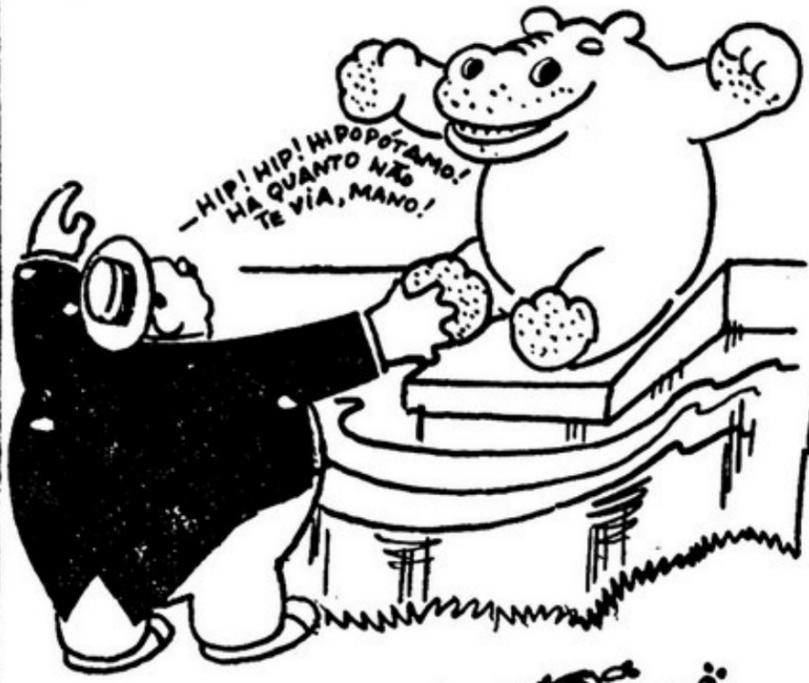
1ª PROVA: CONTAEM DOS MOÍNHOS DA AMADORA-LES-BAINS A 5000 METROS DE ALTURA - E DAS TABUAS DO TELCO EM TERRENO FIRME.

3ª PROVA: TRAVESSIA DA TERRA EM "PARAFUSO"

4ª PROVA: ATERRAR SEM ATERRAR NINGUEM. N.B. PROIBIDO O USO DA ARMA

2ª PROVA: DESCIDA COM O APARELHO A-ANZAR, A 9 PONTOS.

FESTAS NO "JARDIM ZOOLOGICO"



AS FESTAS SERÃO ABRI-LHANTADAS PELA BANDA DE ALIFANTARIA 1

- TROMBA DE CAÇA
- TROMBA DE ESCURINETS
- 2ª TROMBA BOFONE
- TROMBA FONE (1P)

-TOMA UMA BANANINHA, TOMA!...

... E UM GRANDE NUMERO DE PULGAS EM LIBERDADE